



O papel do Jornalismo na Cultura do Estupro¹

Giulia NAVARRO²

Helen FONTES³

Universidade Federal Fluminense - UFF

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão bibliográfica sobre o papel do jornalismo na cultura do estupro através do seu impacto nas relações de poder do cotidiano. Isso porque os dados sobre violência de gênero demonstram que, mesmo com significativos avanços legislativos, o número de crimes sexuais segue alarmante. A cultura do estupro, principal motivo das violências, é calcada em instituições sociais que reforçam a dominação masculina através de propagações discursivas. Para que haja a manutenção desse cenário violento, diversas instituições, dentre elas a mídia, atuam na manutenção de relações de poder em que a mulher é submissa. Entender os fatores que afetam esse padrão é essencial para aprimorar os debates acerca da violência de gênero em nosso cotidiano. As discussões fomentadas nesse estudo podem auxiliar a compreensão do papel do jornalismo no combate à violência contra mulher, acrescentando novos pontos de debate sobre o cenário da cultura do estupro.

PALAVRAS-CHAVE: cultura do estupro; violência sexual; jornalismo.

INTRODUÇÃO

Entendemos o cotidiano como o tempo em que notícias e outros produtos culturais são apropriados e absorvidos por atores sociais, baseado nos conceitos de Michel de Certeau (2014). Podemos citar como atores sociais o Estado, o sistema judiciário, a mídia e a religião. Juntos, contribuem para a propagação discursiva da cultura do estupro, tornando-a parte do cotidiano (Alberton; Dos Santos, 2024, p. 49).

¹ Resumo expandido a ser apresentado no GP Produção Científica, no VIII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejor Sul).

² Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, pesquisa violência de gênero; cultura do estupro e Mídia e Cotidiano. E-mail: giulianavarro@id.uff.br

³ Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professora pelo Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, pesquisa Linguagens, Representações e Produção de Sentidos. E-mail: brittohelen@id.uff.br



A cultura do estupro, por sua vez, é um cenário que molda as relações sociais através de discursos sustentados por instituições que visam a manutenção das relações de poder. Esse fenômeno é formado por “um complexo conjunto de crenças que encoraja a agressão sexual masculina e apoia a violência contra as mulheres” (SMITH, 2004, p. 174).

Existe uma colaboração discursiva entre os detentores do poder para que alguns grupos sociais, sejam subjugados, justificando, assim, o número alto de mulheres que sofrem agressões sexuais, mesmo com amparo legislativo. Logo, os estupradores seguem impunes pois “agem assim apoiados em discursos machistas transmitidos a eles, e por eles, das mais variadas formas” (Dos Santos; Nunes; Castro, 2021, p. 61).

Podemos perceber os efeitos da cultura do estupro na prática ao analisar que o ano de 2024 registrou o maior número de estupros da história, com mais de 80 mil registros, de acordo com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Assim, é notório que, mesmo com avanços legislativos e no meio acadêmico, o número de violências de gênero segue crescente.

O discurso desempenha papel fundamental na cultura do estupro, pois é através dele que se difundem normas sociais que homens e mulheres devem seguir. Essas normas

fomentam as denominadas ‘situações de risco’, nas quais a mulher é culpada por não seguir as regras incluídas na sua socialização desde o momento do nascimento: que roupas deve vestir, como se comportar na rua, quando e como beber, quais horários pode sair, regras que servem para a culpabilização da mulher sobre os atos de outros contra a sua integridade sexual (Dos Santos; Nunes; Castro, 2021, p. 69).

Impostas e reforçadas as regras sociais, as mulheres que não as seguem “são julgadas e constrangidas por meio de assédio e estupro até se enquadrarem em uma das categorias” (Semíramis, 2013). Com isso, torna-se possível justificar agressões e colocar a culpa na vítima, alegando sua inconformidade com a moral vigente.

Neste contexto, nosso objetivo é compreender se o jornalismo age na manutenção da cultura do estupro no cotidiano. Vale ressaltar, ainda, que este trabalho



faz parte da nossa pesquisa de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Para entender o papel das práticas e ensino jornalísticos na manutenção da cultura do estupro, usaremos as idéias de Douglas Kellner (2001), que defende que as representações midiáticas determinam quem detém o poder, reproduzindo dominações de alguns atores sociais e delineando a opinião pública. O autor continua esse raciocínio ao afirmar que “a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder” (2001, p. 10).

A mídia, então, “é estruturadora ou reestruturadora de percepções e cognições, funcionando como uma espécie de agenda coletiva” (Sodré, 2009, p. 23), ou seja, ela define “a opinião pública, valores e comportamentos” (Kellner, 2001, p. 54). Em concordância com Kellner, Sodré vê a sociedade contemporânea como midiaticizada. Ele define a midiaticização como “uma ordem de mediações socialmente realizadas [...] caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada medium” (2009, p. 20). Se a mídia é determinante para fortalecer relações de poder no cotidiano, a cultura do estupro se interliga à midiaticização ao passo que as representações midiáticas podem consolidar esse conjunto de crenças culpabilizatórias através da reprodução de estereótipos que corroboram para as normas sociais vigentes.

Já o jornalismo é uma das instituições midiáticas mais fortes, pois é através do seu discurso que as pessoas se informam sobre os acontecimentos do cotidiano (Alsina, 1989). Com isso, a visão de mundo dos indivíduos passa primeiramente pelo olhar e pela construção discursiva do jornalista, que é tido como uma figura confiável. Porém, Gomis (2004) explicita que na rotina jornalística, muitas vezes se recorre a estereótipos para acelerar a produção e facilitar interpretações. Logo, mesmo que de forma inconsciente, muitos profissionais utilizam o senso comum patriarcal na hora de tratar casos de violência sexual.

Os efeitos do impacto midiático na cultura do estupro residem no fato que as representações midiáticas influenciam diretamente a forma como entendemos o mundo, a nós mesmos e os outros, como argumenta Thompson:



[...] ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros. Eles as usam como veículos para a reflexão e auto-reflexão, como base para refletirem sobre si mesmos, os outros e o mundo a que pertencem (Thompson, 1998, p. 45)

Ao receber e assimilar certas mensagens, as pessoas tendem a reproduzir na sua realidade. Nesse viés, se veículos jornalísticos usam representações simbólicas que reforçam os estereótipos de que mulheres são culpadas pelos crimes sexuais que sofrem, os consumidores desse conteúdo têm a tendência de reproduzir esse pensamento ao se depararem com uma situação violenta em seu cotidiano.

É importante destacar que compreendemos que os receptores das mensagens não são totalmente passivos. Os indivíduos não apenas tem o poder de escolha de qual veículo consumir e em quais notícias acreditar, mas também interpretam e dão sentido aos conteúdos baseado em suas vivências, ideologias e condições sociais “de tal maneira que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos” (Thompson, 1998, p. 42). A presença de veículos alternativos e independentes que trabalham as notícias com um olhar humanizado são a prova dessa possibilidade.

Porém, mesmo que haja certa liberdade no consumo e interpretação dos conteúdos, a mídia ocupa boa parte do nosso tempo e interações sociais. Apesar de que exista uma parte do público que consome jornais independentes ou que interpreta notícias sobre violência contra mulher com um viés feminista, é mister que eles não representam uma alta parcela da sociedade. Além disso, a cultura do estupro se utiliza de outros meios para que as ideologias já estejam intrínsecas na mente do público, como o Estado, a igreja ou manifestações culturais. Por isso, espera-se dos consumidores uma interpretação que corrobore com as crenças da cultura do estupro, tornando as leituras críticas uma excessão.

METODOLOGIA

Para compreender se o jornalismo age diretamente na manutenção da cultura do estupro no cotidiano, tomamos como objeto de pesquisa o papel do jornalismo, com a



hipótese de que ele possui grande influência nas relações de poder do cotidiano e, consequentemente, na vigência da cultura do estupro.

Assim, utilizamos a revisão bibliográfica de autores que representam a base dos estudos de Mídia e Cotidiano para entender, a priori, o impacto dessa instituição no cotidiano. Tomando como referência a postulação de Muniz Sodré de que a sociedade contemporânea é midiaticizada, passamos pelos estudos de Douglas Kellner e John Thompson que corroboram com o autor.

Ademais, fazemos um apanhado teórico sobre a cultura do estupro com o intuito de compreender seu funcionamento e sua relação com as representações jornalísticas, tornando possível a conexão entre jornalismo e cultura do estupro.

RESULTADOS

Os estudos de Sodré, Kellner e Thompson nos permitem entender que a midiaticização é um sintoma importante da sociedade contemporânea, afetando a forma como nos relacionamos, consumimos e interpretamos informações. Ao alterar nosso modo de presença no mundo, a mídia se torna uma instituição poderosa no que tange ao comportamento dos indivíduos.

Assim, as representações jornalísticas podem alterar nossa visão sobre o cotidiano e os outros, criando e reforçando regras sociais, mesmo que de forma inconsciente, como afirma Bourdieu (2003, p. 6) ao dizer que os jornalistas perpetuam a dominação masculina ao reproduzi-la nos conteúdos, mesmo que não tenha a intenção ou que haja uma tentativa de imparcialidade. Nesse sentido, essas representações refletem desigualdades e, com isso, as impulsionam, pois acabam reforçando-as no senso comum.

Ao relacionar os autores, podemos chegar à conclusão de que a mídia possui papel essencial no cotidiano, transformando os intercâmbios simbólicos (Thompson, 1998, p. 19) e modelando nossos valores mais profundos (Kellner, 2001, p. 9). Portanto, ela é uma instituição que influencia diretamente as relações de dominação e o inconsciente coletivo.

Julgando a cultura do estupro como intrínseca ao cotidiano, sendo um mecanismo de controle nutrido por diversas instituições (Alberton; Dos Santos, 2024, p. 49), é fácil relacionar o poder da mídia, e consequentemente do jornalismo, na



manutenção desse cenário, visto que ele faz parte dos atores sociais que propaga os discursos de submissão feminina.

Ao perceber que a mulher que sofreu o crime não cumpriu uma das normas sociais imposta pela cultura do estupro através de construções discursivas reproduzidas por jornalistas, o cidadão passa a relativizar o crime e transferir a culpa para vítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivo compreender o papel do jornalismo na manutenção da violência sexual contra as mulheres a partir da reprodução de normas ideológicas que reforçam a cultura do estupro. Reconhecemos o caráter ensaístico da pesquisa, que realiza uma revisão bibliográfica sobre a relação entre Mídia e Cotidiano para entender o impacto jornalístico e, assim, associar esse movimento com a vigência da cultura do estupro.

Concluimos que o cotidiano pós-industrial é midiaticizado, pois os diversos meios tecnológicos e comunicacionais ocupam boa parte da vida dos indivíduos, influenciando seus comportamentos e ideologias. Apesar de admitirmos a liberdade de interpretação e de escolha do que será consumido cada vez maior com a ascensão das redes sociais e o aumento de veículos de notícia independentes e nichados, para nós é inegável que a mídia, principalmente jornalística, tem o poder de alterar a nossa visão de mundo.

É através de Thompson, Sodré e Kellner que reforçamos nossa teoria sobre o poder midiático no cotidiano, assumindo, com base em suas teorias, que existe uma tendência de reproduzir, mesmo que inconscientemente, o que vemos nos veículos.

A partir de uma retomada de diversos autores, entendemos que a cultura do estupro está intrínseca no cotidiano, calcada em um complexo conjunto discursivo que é mantido por várias instituições, dentre elas a mídia. Esse movimento tem como principal objetivo assegurar algumas formas de dominação, utilizando então do discurso de que a mulher será sempre culpada pela agressão que sofreu.

Se a cultura do estupro é inerente ao cotidiano, o poder da mídia na sociedade irá atingi-la e, nesse caso, auxiliar na sua vigência. Refletir sobre o papel do jornalismo na cultura do estupro é parte de um debate inesgotável, considerando o aumento contínuo dos casos de estupro e violência sexual no país. Acreditamos que a presença de cada vez mais estudos sobre o assunto é uma forma de combate a esse cenário desanimador.



REFERÊNCIAS

- ALBERTON, Maiara; DOS SANTOS, Katia Gonçalves. A cultura do estupro no Brasil. **Diaphora**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 46 - 51, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/485> . Acesso em: 29 ago. 2025.
- ALSINA, Miquel. **La Construcción de la Noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2014. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=3F015C66E43F2227E641F854D840EA08>. Acesso em: 10 set. 2025.
- DOS SANTOS, Tatiana; NUNES, Rafael Zaneripe de Souza; CASTRO, Amanda. “Moça Séria não é Estuprada”: Representações Sociais em Comentários Online. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 13, n. 2, p. 59-74, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8246004> . Acesso em: 12 set. 2025.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 19. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2025**. 19. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. ISSN 1983-7364.
- GOMIS, Lorenzo. Os interessados produzem e fornecem os fatos. Tradução de Camille Reis. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 1, n. 1, p.102-116, 2. set. 2004.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia**. Estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001, p. 9-74.
- SEMÍRAMIS, Cynthia. Sobre a cultura do estupro. **Revista Fórum**. Porto Alegre, mar. 2013. Direitos. Disponível em: <http://revistaforum.com.br/blog/2013/04/cultura-do-estupro/>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- SMITH, Merrill D (editor). **Encyclopedia of Rape**. London, Greenwood Press, 2004.
- SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização, *In*: MORAES, Denis. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- THOMPSON, John B. **Mídia e modernidade** - Uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.